



O PROCESSO PEDAGÓGICO INVISÍVEL DESENVOLVIDO POR MULHERES: O ENSINO E APRENDIZAGEM DA TECELAGEM MANUAL NAS MINAS GERAIS E NO RIO GRANDE DO SUL

Amanda Motta Angelo Castro - Unisinos

Resumo: Esse texto tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre nossa pesquisa de doutorado em andamento. Nosso olhar é sobre Gênero, Artesanato e a invisibilidade da produção das mulheres desenvolvida na cidade de Resende Costa em Minas Gerais e em Alvorada, no Rio Grande do Sul. O objetivo principal da pesquisa é compreender como ocorre o processo pedagógico de ensino e aprendizagem não formal de tecelagem manual nos dois estados. Nossa pesquisa é desenvolvida na cidade mineira de Resende Costa, microrregião de São João Del Rei, e num ateliê de tecelagem no município de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre. Essa pesquisa tem como base o conhecimento feminista e a Educação Popular, visando trabalhar, sobretudo, nos estudos que vêm sendo produzidos e problematizados no Brasil e na América Latina. A metodologia dessa pesquisa ocorre por meio da observação participante, entrevistas individuais e narrativas de histórias de vida. Como ocorre o ensino e aprendizagem de uma técnica milenar que sobrevive no Brasil sobretudo nos estados de Minas Gerais e no Rio Grande do Sul? Tendo como base os estudos feministas, a Educação Popular e a empiria nos dois estados, procuramos problematizar e compreender esse processo socialmente invisibilizado.

Palavras-Chave: Educação, Artesanato, Gênero, Feminismo.

Introdução

*“Toda habilidade artesanal baseia-se numa aptidão desenvolvida em alto grau”
(Richard Sennett, 2009, 30)*



¹ Tear exposto no museu de Artes e Ofícios, em Belo Horizonte/MG Fonte: Acervo da pesquisadora. Jul 2011.

O tema central da pesquisa de Doutorado em andamento, que está sendo aqui apresentada, é gênero e os processos de ensino e aprendizagem de tecelagem manual desenvolvida nos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

A tecelagem é uma das formas de artesanato mais antigas e mantém-se viva em muitas culturas nos dias atuais. Estimasse que tenha iniciado há cerca de 5000 a.C. (LANZELLOTTI, 2009). Durante sua longa história, a tecelagem serviu para a sobrevivência de diversas pessoas, pois através dela os corpos foram aquecidos. Também foi de grande valia para processos de resistência política e social, como por exemplo na libertação da Índia liderada por [Mahatma Gandhi](#) e sua esposa Kastürba. Portanto, podemos afirmar que a tecelagem foi fundamental para a sobrevivência e desenvolvimento da sociedade.

No [Brasil](#), algumas nações indígenas conheciam e praticavam a tecelagem, as mulheres indígenas trabalhavam com algodão e trançados de palha. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, a tecelagem passou a ser tramada no tear - então trazido pelos portugueses - e era desenvolvida pelas mulheres escravas e livres para a vestimenta das suas famílias. Em 1785, houve a proibição da confecção têxtil no Brasil.

Em 1785, a rainha Dona Maria I, a Louca, assinou um alvará mandando destruir todos os teares brasileiros. Dona Maria I fez isso pressionada pelas indústrias da Inglaterra, que exportava seus tecidos para o Brasil e não estavam dispostos a enfrentar concorrência da produção local (SENAC, 2002, p.9).

A tecelagem sobreviveu, então, na clandestinidade, e nas regiões mais afastadas do Brasil, principalmente no interior dos estados de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, e só saiu da clandestinidade em 1809.

Para a realização desta pesquisa, escolheu-se os Estados onde a tecelagem sobrevive durante esse período, pois suspeitamos de que, ainda hoje, a tecelagem é bastante desenvolvida em ambos os estados, e que sobreviveu pela resistência em continuar com um trabalho proibido e pelo processo de ensino e aprendizagem que vem sendo preservado através das gerações, sobretudo pelas mãos das mulheres.

Situando a pesquisa empírica

A empiria da pesquisa aqui apresentada ocorre em dois espaços distintos e distantes, ambos separados geograficamente por mais de 1.800km.

O primeiro deles já vem sendo estudado pelo nosso grupo de pesquisa há alguns anos. Esse espaço é um ateliê de tecelagem, onde trabalham mulheres que moram na cidade de Alvorada², região metropolitana de Porto Alegre. Devido às poucas opções de trabalho e para evitarem o longo trajeto de deslocamento até Porto Alegre - onde mulheres de Alvorada trabalham, sobretudo nas atividades do comércio, serviços gerais e como empregadas domésticas

² Alvorada emancipou-se no dia 17 de setembro de 1965, conforme a lei estadual nº 5026, e o nome de Alvorada, acredita-se que seja uma referência ao seu povo constituído em sua maioria por trabalhadores que acordavam nas primeiras horas da manhã para trabalhar na capital do Rio Grande do Sul (Porto Alegre). Com 72,9 Km², e área urbana legal de 52 Km² o município é um dos menores do Estado. A economia é baseada principalmente no comércio e no setor de serviços, além da maioria da população trabalhar no município de Porto Alegre, fazendo com que a cidade seja conhecida também como cidade-dormitório. Sua População segundo dados do IBGE de 2008 conta com 211.233 habitantes. Informações obtidas no site www.alvorada.rs.gov.br no dia 08/10/2009 (PREFEITURA ALVORADA, 2009).

- algumas trabalhadoras buscaram na tecelagem uma forma de sustento, tanto para elas como para suas famílias. Vale lembrar que várias destas mulheres são chefes de família.

Nenhuma das tecelãs aprendeu o ofício da tecelagem na família e sim com a tecelã coordenadora do ateliê, que ensinou a arte da tecelagem para as demais. Após aprender e dominar as técnicas da tecelagem, elas passaram a trabalhar de segunda a sexta, em turno integral, produzindo peças de vestuário feminino e produtos para casa. Em Alvorada, o trabalho de tecer nasce pela necessidade de se ter trabalho, de se ter renda, de sobreviver. O ateliê em Alvorada está organizado como forma de cooperativa³, as peças produzidas pelas mulheres em Alvorada são vendidas em feiras de artesanato, lojas locais de vestuário feminino e parte da produção vai para a exportação. Há alguns anos, um design italiano descobriu o ateliê de Alvorada, se encantou com o que era produzido ali e passou a comprar peças das mulheres tecelãs e colocá-las no mercado europeu da alta costura. Logo, podemos afirmar que as peças produzidas pelas mulheres em Alvorada são de extrema qualidade e beleza, pois conseguem a façanha de atingirem o alto grau de qualidade exigido pelo mercado têxtil da alta costura internacional.

O segundo espaço de pesquisa ocorre na cidade mineira de Resende Costa⁴. Com sua pequena população, os homens de Resende Costa iam trabalhar - na capital mineira ou na capital

³ O cooperativismo representa a união entre pessoas voltadas para um mesmo objetivo. Uma organização dessa natureza caracteriza-se por ser gerida de forma democrática e participativa, de acordo com aquilo que pretendem seus associados. As sociedades cooperativas estão reguladas pela Lei no 5.764, de 1971 que definiu a Política Nacional de Cooperativismo. Informações obtidas no site da receita federal <www.receita.fazenda.gov.br/.../pr634a646.htm>. Acessado em 10/08/2009 (BRASIL, 1971).

⁴ Resende Costa é um município da Região das Vertentes, criado em 30/08/191, tem área total de 631,561 [km²](#) e esta localizada a 186 km de Belo Horizonte, capital mineira. Para abrigar tropeiros e viajantes foi erguido na primeira metade do século XVIII um rancho, essa movimentação de viajantes deu origem ao povoado de Lajes, hoje chamado de Resende Costa. Em 1749 foi construída a [Capela Nossa Senhora da Penha de França](#) e estabelecidas oito casas entre elas a do Inconfidente José de Resende Costa. No início a pequena população dedicava-se ao plantio de gêneros alimentícios e à criação de [gado](#), Em 1912 o então povoado de Lage ganhou sua

de São Paulo - e ficavam vários períodos fora de suas cidades, longe de suas famílias. As mulheres ficavam em casa trabalhando nos afazeres domésticos, na criação dos filhos e na tecelagem manual. Esses trabalhos nos grandes teares manuais, de Resende Costa, faziam com que elas vestissem suas famílias e criassem peças para a casa como colchas, tapetes e toalhas. Também era parte do trabalho das mulheres ensinarem suas filhas a arte dos teares para que essas continuassem no sustento da família.

Após anos em longas estadas fora de casa para trabalhar, as mulheres de Resende Costa não queriam mais que seus companheiros e filhos fossem embora. Assim, começaram a ensinar os homens a tecer para que eles tivessem trabalho na pequena cidade mineira e não precisassem ir embora de casa para encontrar sustento, conforme as palavras da tecelã lã⁵ de 80 anos:

o problema é que não tinha trabalho aqui em Resende Costa, os homens iam embora e nós ficávamos sozinhas cuidando de tudo por aqui, a gente ficava sem notícia, não tinha telefone e essas coisas que agora a gente tem, mais mesmo se tivesse acho que nós íamos começar a ensinar os homens a tecer porque ai fica a família toda junta e perto e fica bom. (Lã, 26/07/2011)

Assim, em Resende Costa, o trabalho de tecer nasce da necessidade cotidiana de cuidar da família, e é ampliada pela necessidade dos homens terem trabalho perto de casa. Em Resende

autonomia como [município](#), recebendo o nome de Resende Costa uma homenagem aos [inconfidentes](#) (pai e filho) que viveram ali no início do povoado. Hoje o município vive quase somente do [artesanato](#) têxtil, confeccionando sobretudo peças para a casa. Sua População, segundo dados do IBGE de 2010, conta com 10.941 habitantes. Informações obtidas no site <http://www.camaraderesendecosta.mg.gov.br/> em 04/09/2009 e no arquivo da cidade de Resende Costa em julho de 2011)

⁵ Sabemos que a discussão acadêmica sobre a citação verdadeira dos nomes das pessoas pesquisadas é longa e divide opiniões. Nesta dissertação, optamos por identificar as tecelãs por tecidos, a partir da classificação de tecidos possíveis de tramar (algodão, linho, lã, seda, tafetá, sarja, cetim, segundo a autora Dinah Bueno Pezzolo).

Costa não temos o trabalho organizado e regulamentado através de lei como é o caso do ateliê em Alvorada. Na cidade mineira, cada família desenvolve seu artesanato, geralmente no seu quintal, no fundo de suas casas, e realiza a venda em lojas na frente de suas casas ou por encomenda.

Há quase cinquenta anos, a ação das mulheres de ensinar, além de suas filhas, também os homens a tecer, criou uma cidade onde a principal fonte de renda é a tecelagem manual, seja vendendo as peças produzidas nos teares, seja trabalhando diretamente nos teares ou no comércio local para atender turistas. Isso porque a venda de tecelagem atrai turista de norte a sul do Brasil para comprarem artesanato com alta qualidade e preço baixo.

Em Alvorada, as mulheres ganham o mercado internacional, e em Resende Costa o artesanato ensinado pela mão das mulheres colocou a tecelagem como a principal fonte de renda da população. Entretanto, mesmo com a importância da tecelagem manual em ambos os estados, o artesanato continua sendo um trabalho socialmente desvalorizado, precário e invisibilizado (EGGERT, 2010).

Caminho Metodológico: a epistemologia feminista como abordagem de Pesquisa

Pesquisamos mulheres numa perspectiva feminista, utilizando como metodologia a observação participante, entrevistas individuais e narrativas de histórias de vida.

A necessidade de uma epistemologia que pense a partir das margens, dos/as excluídos/as, e dos/as invisibilizados/as não é “privilégio” das mulheres. Em seu livro, *Epistemologias do Sul*, Boaventura de Souza Santos nos aponta a necessidade urgente de o conhecimento sistematizado aprender e reconhecer a existência epistemológica do Sul. Segundo ele, no Sul são desenvolvidos conhecimentos não reconhecidos “oficialmente”, “a epistemologia que conferiu à

ciência a exclusividade do conhecimento válido” (2009 p. 11). Essa epistemologia que “valida” o conhecimento, deixou de fora trabalhadores, mulheres, indígenas, afros-descendentes, e esses excluídos e excluídas estão sobretudo no conjunto de países e regiões submetidos ao colonialismo europeu (SANTOS, 2009).

As mulheres foram excluídas da maior parte dos direitos sociais, tendo como *lugar principal* a esfera privada e não a pública. Lembrando que estamos nos referindo aos séculos de exclusão e silenciamento das mulheres no espaço público e, pensando sobre a pesquisa, cabe aqui uma pergunta: qual serão as consequências disso na pesquisa com mulheres?

Segundo Perrot (2007), o pouco registro escrito deixado pelas mulheres ao longo da história, devido a sua exclusão das instituições formais de ensino, é um fator complicador na pesquisa sobre mulheres.

Para Gebara (2000), com pouca história escrita pelas mulheres, ao longo do tempo, o conhecimento passou a ser totalmente controlado pelos homens. Sendo assim, ela afirma que “um conhecimento que despreza a contribuição das mulheres não é apenas um conhecimento limitado e parcial, mas um conhecimento que mantém um caráter de exclusão” (2000, p. 117). Aqui, não nos referimos a todos os homens, mas de um padrão *normativo*, por isso, quando discutimos o monopólio do conhecimento pelos homens, falamos de um modelo de homem que, em sua maioria é branco, heterossexual e com um certo nível de poder. Portanto, podemos afirmar que esse monopólio também é excludente.

A epistemologia científica, exercida pelas instituições formais de ensino, busca, em alguma medida, processar e filtrar o conhecimento. A epistemologia da vida ordinária busca, a partir do cotidiano, da vida das pessoas comuns, entender e filtrar os conhecimentos produzidos à margem das instituições formais. No caso das mulheres, Eggert (2008) afirma que, por muito

tempo, as mulheres foram por elas mesmas esquecidas, e por consequência foram esquecidas pela academia.

Devido às questões levantadas, a pesquisa com mulheres requer algumas abordagens peculiares, para além da epistemologia reflexiva ou científica. Aqui, pensamos e sabemos que não podemos abandonar de forma alguma essa epistemologia, entretanto, precisamos de alternativas.

Para Gebara (2008), outra forma é a epistemologia da vida ordinária que, segundo ela, é a epistemologia de todos/as nós, de todos/as os/as mortais. Por volta dos anos 70, influenciada pelo movimento feminista, a epistemologia feminista surge e vem produzindo conhecimento ao redor do mundo. Segundo Gebara, “o feminismo denuncia a produção de um conhecimento considerado científico, cuja consequência é a exclusão das mulheres e uma cultura marginalizante” (2000, p. 115). A epistemologia feminista tem denunciado e alertado sobre a supergeneralização, apontando que os valores, as experiências, os objetivos e as interpretações dos grupos dominantes são apenas os valores, experiências, objetivos e interpretações desses grupos, não da humanidade como um todo. Sobre isso, Gebara afirma que:

Sem dúvida, o conhecimento produzido por uma elite a serviço dos detentores do poder é mais valorizado do que qualquer outro produzido, por exemplo, por um grupo de catadores de lixo. Não só a questão das classes sociais aparece de forma marcante em todos os processos epistemológicos, mas também a questão da raça, do gênero, das idades, e da orientação sexual. Nossa maneira de expressar nosso conhecimento do mundo é reveladora de nosso lugar social e cultural. E este lugar condiciona nossa confiança e desconfiança, nossa valoração maior ou menos em relação ao que proposto como conhecimento. (Gebara, 2008, p 32)

Portanto, foi a partir das questões de classe social, gênero, raça, etnia, entre outros que surgiu uma área da epistemologia dedicada a compreender a forma como o gênero influencia aquelas concepções e práticas e como elas têm sistematicamente colocado em desvantagem as mulheres e outros grupos subordinados. Por esse motivo, podemos afirmar que pesquisar mulheres, numa perspectiva feminista, é desafiar uma lógica dominante de um mundo hierárquico e patriarcal (GEBARA, 2000, 2008).

O olhar epistemológico feminista, tanto ordinário como científico, permite reler a história e, sem sombra de dúvida, os resultados das inúmeras perspectivas abertas têm sido dos mais criativos e instigantes. Essa perspectiva rompe com paradigmas estabelecidos, descobrindo e redescobrando a vida e a produção de conhecimento das mulheres ao longo da história. De maneira que mulheres, como as dessa pesquisa, em que buscamos em alguma medida visibilizar suas produções que são percebidas em suas próprias histórias, porque esta não está dada, como afirma Freire, como “passagem pelo mundo não predeterminada, preestabelecida. Que meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir.” (Freire, 1999, p. 58)

Essa busca, por algo que precisa ser construído e que é de nossa responsabilidade, requer alguns instrumentos. Eggert afirma que: “buscar instrumentais de outros campos do conhecimento, para alimentar caminhos talvez inusitados; questionar as hierarquias; rever as margens onde as mulheres geralmente se encontram, no ato de produzir conhecimento...” (2009, p. 32), seja uma das possibilidades quando se faz pesquisa com esse olhar conceitual.

O feminismo tem produzido uma crítica contundente ao modo androcêntrico de produção do conhecimento, além dessa crítica tem buscado e operado num alternativo de operação e articulação na esfera do conhecimento.

Sabemos que mulheres trazem uma experiência histórica e cultural diferenciada da masculina dominante, uma experiência que muitas vezes está *às margens*. Entretanto, nessas margens encontramos experiências⁶ cruciais para a pesquisa com mulheres e, por esse motivo, como já foi citado anteriormente, valorizamos o conceito de experiência (EGGERT, 2009; DEWEY, 1976).

As experiências compõem a pesquisa. O conceito de experiência tem para nosso grupo de pesquisa um investimento de estudo e debate, pois a trajetória de quem compõe o grupo aponta para duas realidades que sempre consideraram a experiência como desencadeadora da produção do conhecimento: a educação e o feminismo.

Estamos levando em consideração o exercício de (re) leituras, dos processos de ensino – aprendizagem num lugar de ensino não-formal e suas implicações no cotidiano do trabalho de mulheres, vivências de cada pesquisadora são também importantes experiências que fazem parte da pesquisa. Sobre isso, Eggert afirma que:

O reconhecimento da importância da subjetividade de quem pesquisa em todos os momentos da investigação passa a ter visibilidade. Na metodologia da teologia feminista, a experiência é critério para que aconteça a consciência da exclusão, a busca pela própria tradição e o reconhecimento de tradições alternativas. O mesmo ocorre com a pesquisa nas ciências sociais, pois revela um recorte semelhante (EGGERT, 2003, p. 24).

⁶ Experiência vem do grego *empeiria*, matriz de “empírico”, no sentido mais básico, experiência refere-se a apreensão que os sujeitos fazem da realidade. Verificar Edênio Valle Religião ano 2000, capítulo 2 Experiências religiosas. Segundo Fabris (1997, p.13) “Aristóteles, discutiu o tema em diversas obras, utilizando três termos para indicar diferentes facetas de sua compreensão acerca da experiência: *Aisthesis* indica sensação, sentimento e intuição; *empeiria* indica experiência no sentido de habilidade e prática; *peira* indica prova e experimento”.

Nossa construção/produção de conhecimento, como mulheres, passa pela nossa história, que é marcada pela diversidade. Essas histórias, que são experiências, nos fazem poder realizar nossa leitura de mundo (FREIRE, 1999, 2003).

O processo pedagógico da não-formalidade desenvolvido pelas mulheres artesãs em Alvorada e Resende Costa

O processo de ensino e aprendizagem desenvolvido pelas mulheres tecelãs nos lugares dessa pesquisa ocorre por meio de uma pedagogia não-formal e se dá, sobretudo, no cotidiano. Em Resende Costa, esse processo é desenvolvido em casa, as mulheres mais velhas ensinam suas filhas, filhos, netas, durante as atividades do dia a dia. Em Alvorada esse processo ocorre dentro do ateliê, por meio da tecelã que dirige o ateliê. Essa se propõe a ensinar as mulheres de Alvorada que procuram trabalho no ateliê.

A tecelagem é sofisticada, e para desenvolvê-la é necessário o domínio de conhecimentos específicos: a tecelagem possui um saber. A complexidade da pedagogia produzida num espaço invisível, como é o cotidiano das mulheres, por muitas vezes passa ao largo da produção sistematizada do conhecimento.

Ao longo de nossa pesquisa, observamos que o processo pedagógico da tecelagem é predominantemente feminino e, por essa razão, nos parece que “perde” muito de sua “técnica”, “importância” e “saberes”. Compreendemos que o esvaziamento da potência desse saber se dá

por vários motivos, entre eles, segundo Lagarde (2005), acontece pelo fato de a sociedade em geral acolher a ideia de que as mulheres têm como missão última e valor maior: a maternidade, ou seja, tomarem o cuidado para com os outros como tarefa básica. E, segundo Eggert (2004), isso ocorre pelo fato de a sociedade reafirmar a mulher como “responsável” pela esfera privada, tendo com base principal o trabalho doméstico, o amor materno e a obediência. Segundo Perrot (2005, 2006), as mulheres, ao longo da história da humanidade, sempre trabalharam, porém seu trabalho foi invisibilizado, ora por ser doméstico, ora pelo fato de a mulher realizar trabalho artesanal ou de ajudante do marido na informalidade ou no negócio do marido, principalmente nos comércios.

Brandão (2007) afirma que ninguém escapa da Educação. Em diversos lugares e espaços ela está presente na vida de mulheres e homens, e nos acompanha durante toda a vida. Por muito tempo, a Educação foi pensada na lógica tradicional. Freire vai denunciar e buscar romper com essa lógica. Para ele, a Educação é sempre um ato político. Defende que o ato educativo seja pautado na formação crítica dos educandos/as, o que ocorre por meio da problematização, da leitura do mundo, com o objetivo de levá-los ao que denomina processo de conscientização. Uma educação que acontece na relação de homens e mulheres entre si, mediatizados pelo mundo.

Segundo José Romão (2008), para Freire não existe “a educação”, mas educações, ou seja, formas diferentes de homens e mulheres partilharem seu saber, partilharem o que são. Sob este princípio, podemos pensar na Educação em diversos espaços, como o processo de ensino e aprendizagem desenvolvido pelas mulheres em Alvorada e Resende Costa.

Sem dúvida, Freire abre a discussão e a possibilidade sobre a Educação não-formal, logo a discussão entre Educação Formal, não - Formal está posta no bojo das discussões acadêmicas, talvez porque as fronteiras entre estas sejam tênues (CUNHA, 2010).

A Educação formal inclui as práticas educativas realizadas em ambientes formais de ensino com devida certificação. Ela é desenvolvida em escolas, universidades, com conteúdos demarcados, currículo e avaliação. Na Educação formal, os espaços são os do território das instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais do Ministério da Educação.

A educação não-formal⁷ é entendida como aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização, e é desenvolvida através de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos. Esta educação é ensinada e aprendida ao longo da vida, se aprende, diferente da escola “formal”, “no mundo da vida”, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Nessa perspectiva, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais não-formais de ensino. Essa Educação é constituída por todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, de forma permanente e não organizada (TORRES, 1992).

Essas pedagogias não-formais, realizadas em espaços também não-formais, vindas da experiência de vida, também podem ser nomeadas de pedagogias da clandestinidade (Streck, 2006), ou pedagogia da não-formalidade (CUNHA, 2010). As pedagogias que ocorrem nos espaços não-formais têm sido uma questão muito pesquisada dentro do nosso grupo de pesquisa e é a partir deste cotidiano que ocorrem muitos dos processos educativos de mulheres, e esses

⁷ A Educação não-formal é desenvolvida no decorrer da vida em espaços de socialização, entendemos ser pertinente destacar aqui que não faremos uma distinção entre educação informal e educação não formal, isso porque não encontramos argumentos suficientes para realizar tal distinção, para alguns a Educação não formal é a educação da vida e a não formal a realizada em locais não formais de ensino como, por exemplo, as Organizações Não Governamentais – ONGs. Aqui estamos trabalhando com a pedagogia da não-formalidade, conceito proposto por Cunha e Eggert 2010. Este conceito é entendido como formas de ensinar protagonizadas por pessoas que não possuem formação formal, esse conceito este ancorado na Educação Popular.

espaços não institucionalizados são constantemente atravessados por diversas instituições, formais ou não (CUNHA, 2010).

Conclusões Parciais



Como nossa pesquisa está em andamento, não temos conclusões prontas, temos suspeitas apontadas tanto pela empiria como pela teoria na qual nossa pesquisa está ancorada.

Para Richard Sennett (2009), devemos desconfiar dos supostos talentos inatos. Na epígrafe que inicia esse artigo, o mesmo autor afirma que a habilidade artesanal requer um alto

⁸ Tear preparado para a tecelagem. Local: Resende Costa/MG Fonte: Acervo Acervo da pesquisadora. Jul 2011.

grau de aprendizagem, logo podemos afirmar que, ao olharmos um trabalho de tecelagem, como por exemplo uma colcha bem tramada com suas diversas cores e formatos, é fato que a artesã que a fez aprendeu a técnica e a arte dos teares. Para Sennett (2009), são necessárias 10 mil horas de experiência para termos uma artesã qualificada, logo, quando falamos em artesanato, estamos falando de horas de estudo, mesmo que esse processo não seja socialmente visibilizado e reconhecido.

Na cidade onde acordamos com os barulhos dos teares e olhamos as lojas cheias de turistas comprando os produtos, feitos muitas vezes no quintal das casas, ou se percorrermos 1,800km e chegarmos ao Sul e olharmos os muitos produtos que saem do ateliê de Alvorada para a rota da alta costura internacional, pode passar despercebido o fato de que existe um processo de ensino e aprendizagem da técnica de tecer.

Por necessidade de trabalho, as mulheres começaram a ensinar a arte da tecelagem, como forma de subsistência elas continuam ensinando e trabalhando na tecelagem. Em Alvorada, a tecelagem é predominantemente um trabalho feminino, são as mulheres que tecem e nas suas mãos ocorre o processo de ensino da tecelagem. Em Minas, as mulheres iniciaram tecendo, hoje homens e mulheres tecem, entretanto o processo pedagógico de ensinar continua como a cinquenta anos atrás: nas mãos das mulheres. São elas quem ensinam e é a elas que artesãs e artesãos recorrem quando algo está errado, quando há dúvidas ou necessidade de aperfeiçoamento.

Para Sennet, “a cabeça e a mão não são separadas apenas intelectualmente, mas também socialmente” (2009, p. 57). O desafio de nossa pesquisa é grande, pois nos propomos a visibilizar os processos pedagógicos desenvolvidos pelas mulheres, minimizando a separação histórica, social e intelectual entre a cabeça e as mãos.

Referencias bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CUNHA, Aline Lemos. **“Histórias em múltiplos fios”**: o ensino de manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. Tese de doutorado. Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. 2010.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. São Paulo: C. E. Nacional, 1976.

EGGERT, Edla. **Educação popular e teologia das margens**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2003.

EGGERT, Edla. domÉSTICO Espaços e tempos para as mulheres reconhecerem seus corpos e textos. In: STRÖHER, Marga J (Org.). **À flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

EGGERT, Edla. Narrar Processos: **Tramas da violência domestica e possibilidades para a educação**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

EGGERT, Edla . Trabalho precário x profissionalização de tecelãs: um desafio para a formação educacional no campo do artesanato gaúcho. In: **Anais do VIII Congresso Iberoamericano de Ciência, Tecnologia e Gênero**. Curitiba: UFTPR, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo. Paz e Terra, 2003.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal**. São Paulo, Vozes, 2000.

GEBARA, Ivone. As epistemologias teológicas e suas consequências. IN NEUENFELDT, Eliane; BERGSCH, Karen; PARLOW, Mara (Org.). In: **Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

LANZELOTTI, Gilberto. História da tecelagem artesanal no Brasil. Disponível em: <<http://guiadecorar.com.br/posts/visualiza/1493>>. Acesso em: 10 out. 2009

LAGARDE, Marcela. **Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. 4.ed., Ciudad del México: UNAM, 2005.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Florianópolis: Edusc, 2005

- PERROT, Michelle. **Minha historia sobre as mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ROMÃO, José. Educação. IN: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: CES, 2009.
- SENAC. Fios e Fibras **Oficina de artesanato**. Rio de Janeiro: Editora SENAC Nacional, 2002.
- SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- STRECK, Danilo. **A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as brasas?** Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: v.11 n.32 maio/ago. 2006
- PREFEITURA DE ALVORADA. História. Disponível em: <<http://www.alvorada.rs.gov.br>>. Acesso em: 25 out. 2009.
- SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: CES, 2009.
- TORRES, Carlos Alberto. **A política da educação não formal na America Latina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra.1992.